

Maria do Carmo Borges de Souza  
Marisa Decat de Moura  
Danielle Grynspan

# Vivências em Tempo de Reprodução Assistida

O dito e o não-dito



SOUZA, Maria do Carmo Borges de.  
MOURA, Marisa Decat de (ORG).  
GRYNSZPAN, Danielle.  
Vivências em tempo de Reprodução Assistida,  
o dito e o não dito  
Revinter: Rio de Janeiro, 2008.

## Prefácio

*A publicação desta coletânea de artigos reúne a contribuição de profissionais de diferentes áreas em sua formação, mas que tem em comum uma “assistência” à Reprodução Humana. Contribuição que vem acolher e abrir espaços para um debate que, diante do confronto de vários discursos, permite uma reflexão pluralista. É exatamente o limite, presente na prática profissional e evidente nos debates entre diferentes, que autoriza a palavra do sujeito, seja ele paciente ou profissional, em um lugar outro que pode trazer, então, outro saber, o não-dito.*

*Contemplando o que se diz e “o impossível de dizer” que podemos ser tocados através das entrelinhas dos debates, médicos especializados em Reprodução, cientistas sócias, biólogos, advogados, psicólogos e psicanalistas já são testemunhas de riquezas de “encontro” de idéias no X Congresso da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida – SBRA. Por meio dos trabalhos aqui publicados, buscamos continuar com o intercâmbio de idéias e conceitos a respeito desta importante área que “assiste” o ser humano em seu “nascimento”, e que pretendemos que seja “assistido”, também, além do nascimento biológico.*

*Os autores trazem reflexões sobre as descobertas e avanços, assim como as interrogações sobre a inserção das mais avançadas tecnologias que testemunhamos no mundo atual. E o debate iniciado no X Congresso da SBRA traz, de forma evidente, a preocupação com os efeitos destes avanços no campo da subjetividade humana.*

*A “assistência” ao nascimento do ser humano é, “submetida” aos valores e conhecimentos de cada época. Temos acesso a um número significativo de obras na literatura que se consagram a este tema, mas temos de reconhecer que, no que se refere à interlocução entre diferentes saberes e à preocupação com os efeitos subjetivos dos avanços tecnológicos e científicos, no homem contemporâneo, o mesmo continua pouca explorado. E estamos falando sobre o contexto atual, no qual os avanços e as razões do mercado achatam a esfera subjetiva.*

*No início do século passado, por causa da possibilidade de erradicação da mortalidade materna e infantil no parto, uma relação especial entre a medicina e a procriação de estabeleceu. E, nesse processo surgiu a contracepção médica, para possibilitar o controle de excesso de*

*nascimento, contracepção que já existia e foi proscrita por século de cristianismo. O avanço científico na medida que conhecia cada vez mais o funcionamento do corpo da mulher, pôde oferecer, então, este procedimento, que teve como conseqüência á disjunção entre o ato sexual e proscricção . A partir do momento em que se podia fazer amor se ter filhos, pensou-se que filhos indesejados podiam ser evitados com a segurança também da tecnologia e ciência.*

*Interessante porque a objetividade e a precisão da ciência é que permite revelar a “outra cena” na qual a decisão de ter/não ter filhos é de outra ordem, pois “a pílula e sua eficácia” não eliminou o número de abortos e de gravidez indesejada. A ciência evidencia também com clareza “os restos” dos procedimentos que escapam a sua lógica.*

*As formas artificiais da proscricção estão reconhecidamente destacadas no campo do avanço do conhecimento humano em sua importância. Elas anunciam a criação da vida e estão “implantadas” na racionalidade científica. Não podemos deixar de pensar nas conseqüências éticas em que todos nós estamos implicados a partir do momento em que o discurso da ciência passou a monitorar os procedimentos de reprodução da vida.*

*Assim com muito orgulho, oferecemos este livro ao debate e à discussão.*

*Maria do Carmo Borges de Souza  
Marisa Decat de Moura  
Danielle Grynszpan*